

## PERFIS SOCIODEMOGRÁFICO E PROFISSIONAL DOS ENFERMEIROS DOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE FORTALEZA-CE

Essyo Pedro Moreira de Lima (1); Francisco Mairton Rodrigues de Andrade (2); Igor de Freitas (3); Thais Rodrigues Paula (4); Michell Ângelo Marques Araújo (5)

(1) *Universidade Federal do Ceará*. E-mail: [essyopedro-ep@hotmail.com](mailto:essyopedro-ep@hotmail.com).

(1) *Universidade Federal do Ceará*. E-mail: [mairtonr@hotmail.com](mailto:mairtonr@hotmail.com).

(2) *Universidade Federal do Ceará*. E-mail: [igordefreitasidf@gmail.com](mailto:igordefreitasidf@gmail.com).

(3) *Universidade Federal do Ceará*. E-mail: [thaisrpaula@hotmail.com](mailto:thaisrpaula@hotmail.com).

(4) *Universidade Federal do Ceará*. E-mail: [micenf@yahoo.com.br](mailto:micenf@yahoo.com.br).

**Resumo do artigo:** O objetivo do presente trabalho foi traçar os perfis sociodemográfico e profissional dos enfermeiros de saúde mental atuantes nos Centros de Atenção Psicossocial no município de Fortaleza- CE. Trata-se de um estudo descritivo transversal com abordagem quantitativa. Este estudo teve como locais de pesquisa os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do município de Fortaleza. Quanto ao gênero, predominaram enfermeiros do sexo feminino, com 78,8% da totalidade. A média de idade dos enfermeiros foi de 32,8 anos, com idade mínima de 25 anos e máxima de 48 anos. O estado civil dos entrevistados foi equilibrado, com 16 enfermeiros solteiros (48,5%), 15 enfermeiros casados (45,4%), um divorciado (3%) e apenas um viúvo (3%). No que tange ao grau de instrução, sete profissionais (21,2%) eram apenas graduados, 24 (72,7%) já haviam realizado especializações, um havia terminado a residência (3%) e um (3%) havia concluído curso de mestrado, o que demonstra elevado número de enfermeiros especialistas. Na área profissional 63,6% dos entrevistados possuíam apenas um vínculo empregatício, 30,3% possuíam dois vínculos e outros 6% dos enfermeiros tinham três vínculos. Dentro desse grupo, 87,9% tinha apenas um vínculo relacionado à saúde mental e 12,1% possuíam dois trabalhos na saúde mental. A carga horária que predominou em nosso estudo foi de até 40 horas semanais, com 78,8% dos enfermeiros, outros 12,1% trabalhavam de 41 a 50 horas semanais, 3% trabalhavam de 51 a 60 horas semanais e (6%) trabalhavam acima de 60 horas semanais. O turno de trabalho prevalente em nosso estudo foi o diurno, com 72,7% dos entrevistados trabalhando nesse período, seguidos de 24,2% trabalhando em períodos diurnos e noturnos e apenas um enfermeiro (3%) trabalhando somente no período noturno (este trabalhava em regime de plantões em um CAPS AD 24 horas). Embora a maioria dos entrevistados já possuísse ao menos uma especialização, essa não era com foco na saúde mental, o que pode refletir em dificuldades enfrentadas por parte desses profissionais em sua prática enquanto enfermeiros. É importante que esta pesquisa seja realizada com enfermeiros de saúde mental no âmbito hospitalar, para que dessa forma seja possível comparar os perfis de ambos e traçar um perfil coletivo a todos os profissionais. Essa comparação também é interessante para ver quais pontos diferem das perspectivas e escolhas dos profissionais. Durante as coletas, inúmeros fatores dificultaram o acesso aos enfermeiros: CAPS que haviam mudado de endereço e não atualizaram nos sites da prefeitura; difícil comunicação com os locais de pesquisa; áreas de difícil acesso; enfermeiros que atuam em regime de plantão e têm seus expedientes no horário noturno; grande burocracia nos locais de pesquisa e a falta dos coordenadores e/ou enfermeiros nos dias programados para a coleta.

**Palavras-chave:** Enfermagem Psiquiátrica; Saúde Mental; Cuidados de Enfermagem.

## INTRODUÇÃO

Estimativas do ano 2015 apontam que aproximadamente 700 milhões de pessoas, ou seja, 10% da população mundial sofre com algum transtorno mental, neurobiológico, ou problema psicossocial como, o abuso de álcool e outras drogas. O que mostra a imensa quantidade de indivíduos acometidos por problemas de ordem psicológica; este mesmo relatório afirma que apenas 1% da força de trabalho mundial de saúde atua nessa área o que evidencia uma falta de interesse nos profissionais pela área de saúde mental (WHO, 2015).

No Brasil, o panorama da assistência em saúde mental vem passando por grandes transformações. Até o começo da década de 1980, a assistência psiquiátrica era caracterizada pelos 80 mil leitos psiquiátricos espalhados em mais de 500 hospitais públicos e privados, que por muito tempo produziram uma realidade aterrorizante de desassistência. Este contexto começou a transformação a partir das manifestações do Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental, que passaram a denunciara abusos como torturas, fraudes e corrupção. Com a redemocratização esse movimento passa a incorporar usuários e familiares. Passando a se denominar Movimento da Luta Antimanicomial. Nesse processo é crucial lembrar que a atuação dos enfermeiros e demais profissionais de saúde mental sofreu uma transformação radical (CABRAL *et al.*, 2015).

A Reforma Psiquiátrica preconizou a utilização de diversas tecnologias para a interdisciplinaridade nos serviços de saúde mental, como acolhimento, relacionamento terapêutico, individualização de projetos terapêuticos, envolvimento familiar, entre outros. Tais estratégias exigem uma atualização dos papéis dos profissionais em saúde mental. Apesar da importância dessas atividades, os profissionais alegam entraves como: cansaço devido à exposição a fatores que testam a resistência física e emocional; baixo investimento nos profissionais e carência de recursos materiais intersetoriais e comunitários que prejudicam as ações desenvolvidas e qualidade da assistência em saúde (MACEDO *et al.*, 2013).

Dentre os principais espaços de atuação do enfermeiro em saúde mental têm-se os CAPS. No ano de 2015 a quantidade de CAPS já era de 2.241, presentes em todos os estados. Em comparação, esse número é quatro vezes superior ao que existia em 2002, quando o país possuía apenas 424 centros (BRASIL, 2015).

Dentro do CAPS vemos a importância do trabalho conjunto entre os profissionais enfermeiros, psicólogos, psiquiatras e demais. Porém,

muitos apontam a necessidade da delimitação de funções para cada profissão, afirmando que a invasão de espaço de um profissional a outro é fator gerador de conflitos nesse ambiente. Além de ser possível identificar precariedades nos serviços, como o baixo número de profissionais para a grande demanda de usuários (SILVA, FILHO, 2013).

Considerando o novo panorama de atenção em saúde mental, tendo os CAPS importante papel para a desinstitucionalização e inserção social dos sujeitos, assim como à importante atuação do enfermeiro nesse serviço. Nesse contexto, estabeleceram-se as perguntas norteadoras deste estudo: os profissionais de enfermagem estão preparados para atuar na área de saúde mental? Como são os enfermeiros atuantes nos CAPS de Fortaleza? Qual o perfil de tais profissionais que prestam serviços de saúde mental à sociedade? Pretendeu-se responder esses questionamentos traçando o perfil dos enfermeiros que atuam nos Centros de Atenção Psicossocial em Fortaleza.

A relevância desse estudo está pautada na importância de conhecer o perfil e demandas dos enfermeiros que atuam nos CAPS, podendo subsidiar estratégias de qualificação profissional e propor intervenções que concorram para maior satisfação profissional.

## **OBJETIVO**

Traçar os perfis sociodemográfico e profissional dos enfermeiros de saúde mental atuantes nos Centros de Atenção Psicossocial no município de Fortaleza- CE.

## **4 METODOLOGIA**

### **Tipo de estudo**

Trata-se de um estudo descritivo transversal com abordagem quantitativa. Estudos transversais ocorrem quando uma população de sujeitos é estudada em um único instante no tempo. Com este estudo traçamos o perfil dos enfermeiros de saúde mental em Fortaleza na atualidade (NUNES et al., 2013).

### **Locais de estudo**

Este estudo teve como locais de pesquisa os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do município de Fortaleza. Estes deviam ser de origem pública e possuir vínculo com o Sistema Único de Saúde (SUS).

Após levantamento constatou-se que existem 14 CAPS em Fortaleza, sendo estes distribuídos em dois na regional I, dois na regional II, três na regional III, três na regional IV, dois na regional V e dois na regional VI. Esses CAPS apresentam-se de três formas na cidade de Fortaleza:

**CAPS AD:** Centros de Atenção Psicossocial, na modalidade álcool e drogas (CAPS ad). São serviços de atenção para atendimento de pessoas com transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas, atualmente, é visto como uma das principais ferramentas de enfrentamento a transtorno relacionado ao álcool e drogas no Brasil (SILVEIRA et al, 2016). **CAPS Infantil:** de acordo com a Portaria nº 615 de 15 de abril de 2013 que dispõe sobre o incentivo financeiro de investimento para construção de Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Existem os CAPS infantis, cujo público alvo é crianças e adolescentes, sendo criados municípios com mais de 150.000 habitantes. **CAPS Geral:** destinados a pacientes adultos e que estejam em crise aguda de sua doença.

### **População e amostra**

A população foi constituída por enfermeiros assistenciais que atuam na área de saúde mental no município de Fortaleza e exercem suas funções nos Centros de Atenção Psicossociais. Sendo um total de 43 profissionais atuantes nessa área, desses, 03 não podiam participar por ter menos de seis meses de atuação na saúde mental. Sendo entrevistados 33 enfermeiros, essa amostra foi realizada por conveniência, abordando todos os enfermeiros disponíveis à coleta de dados no período do estudo.

Os critérios de inclusão foram as seguintes: enfermeiros dos serviços de saúde mental, com vínculo empregatício (concursado, cooperado, terceirizado), com pelo menos seis meses de experiência.

Já como critérios de exclusão, temos: enfermeiros que estejam afastados por férias, licença ou aposentados e que estejam como voluntários, ou enfermeiros docentes de instituições de ensino em estágio nos serviços.

## **Instrumentos de coleta**

Tratou-se de um questionário o qual foram questionados os perfis sociodemográfico e profissional dos enfermeiros atuantes em saúde mental. Na construção das sugestões de competências do instrumento os pontos iniciais foram encontrados em artigo que os indica como relacionados aos enfermeiros de saúde mental. Essas competências seriam: controle e garantia da qualidade dos cuidados de saúde, gestão de doença do paciente, competência cultural, gestão e negociação dos sistemas de saúde e relação Enfermeiro-Paciente. (AGUIAR et al, 2012)

As variáveis do estudo foram:

- Sociodemográficas: idade, sexo e estado civil.
- Formação profissional: grau de instrução, tempo de formação e tipo de instituição onde completou a graduação.
- Atuação profissional: local de trabalho, tempo de atuação na saúde mental, quantidade de vínculos empregatícios, quantidade de vínculos relacionados a saúde mental, carga horária semanal, horário de trabalho e tipo de vínculo empregatício.

## **Coleta e análise dos dados**

A coleta ocorreu durante o segundo semestre de 2016 nos meses de agosto a dezembro. A coleta e análise dos instrumentos foram realizadas em momentos simultâneos, à medida que a coleta iniciou a sua análise também ocorreu.

Os dados foram analisados por meio da produção científica da área, tendo os dados tabulados no software Microsoft Excel® onde também foram criados os gráficos. Utilizou-se da estatística simples para apresentação dos dados.

## **Aspectos éticos**

Essa pesquisa respeitou os critérios da resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012, do Ministério da Saúde que trata sobre a

pesquisa em seres humanos. Para a utilização dos dados e a divulgação dos resultados essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR)/ Fundação Edson Queiroz, sob o número de parecer 1.498.082. Além da autorização da Coordenadoria de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde (COGTES) da Secretária Municipal de Saúde.

Foram pedidas autorizações aos participantes da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O participante estava ciente que poderá desistir a qualquer momento da pesquisa. Além de esta pesquisa não ter colocado em risco nenhum de seus participantes, seus dados, instituições e identidades foram preservados. Utilizando apenas os valores obtidos em geral não expondo nenhum dos enfermeiros.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Perfil Sociodemográfico**

A primeira parte do questionário tinha como objetivo traçar o perfil sociodemográfico dos entrevistados, tendo como método a aplicação de 14 questões para realizar essa tarefa, as quais eram: nome, idade, sexo, local de trabalho, grau de instrução, tempo de formado, tempo de atuação na saúde mental, tipo de instituição em que concluiu a graduação, quantidade de locais de trabalho atualmente, quantidade de vínculos na saúde mental, carga horária semanal de trabalho, turno de trabalho e forma de vínculo empregatício.

Quanto ao gênero, predominaram enfermeiros do sexo feminino (n= 26) com 78,8%, frente ao masculino (n=7) com 21,2%, como é possível visualizar na Tabela 1. Resultado similar ao estudo do perfil dos enfermeiros de saúde mental de Goiânia, onde 92,8% dos enfermeiros eram mulheres (ESPERIDIÃO, CRUZ, SILVA, 2010). Fazendo uma comparação a outros artigos que buscavam traçar perfil é possível identificar que o predomínio feminino na enfermagem não se restringe a saúde mental, mas perpassa outras áreas. Como exemplos têm: a pesquisa que buscava traçar o perfil dos enfermeiros Fluminenses da ESF, nesse estudo 86% dos profissionais pesquisados era do sexo feminino (FARIA, DAVID, ACIOLI, 2012) e na que buscava traçar o perfil dos enfermeiros atuantes em Unidade de Terapia Intensiva foi encontrado o número de 96% de enfermeiros do sexo feminino (CAMELO *et al.*, 2013).

Tabela 1. Características sociodemográficas dos enfermeiros dos Centros de Atenção Psicossocial de Fortaleza, Ceará. Fortaleza-CE, ago-nov, 2016.

<b>Características Sociodemográficas</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Sexo (N=33)</b>		
Masculino	7	21,2
Feminino	26	78,8
<b>Idade (32,6 (25-48)) (N=28)</b>		
20 a 29 anos	9	27,3
30 a 39 anos	12	36,3
40 anos ou mais	3	9,1
Não informado	9	27,3
<b>Estado Civil (N=28)</b>		
Casada	15	45,4
Solteira	16	48,5
Divorciado	1	3
Viúvo	1	3
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>100</b>

A média de idade dos enfermeiros foi de 32,8 anos, com idade mínima de 25 anos e máxima de 48 anos. O estado civil dos entrevistados foi equilibrado, com 16 enfermeiros solteiros (48,5%), 15 enfermeiros casados (45,4%), um divorciado (3%) e apenas um viúvo (3%).

### **Perfil Acadêmico e Profissional**

No que tange ao grau de instrução, sete profissionais (21,2%) eram apenas graduados, 24 (72,7%) já haviam realizado

especializações, um havia terminado a residência (3%) e um (3%) havia concluído curso de mestrado, o que demonstra elevado número de enfermeiros especialistas. Vale ressaltar que os profissionais que tinham especializações eram de áreas distintas da saúde mental, principalmente da saúde coletiva. Nenhum entrevistado possuía doutorado (Tabela 2).

Outro prisma relacionado à formação é que vinte e dois enfermeiros concluíram a graduação em instituições particulares (66,6%) e apenas onze em instituições públicas (33,3%), o que pode estar relacionado ao maior número de instituições particulares no estado do Ceará que oferecem o curso de graduação em Enfermagem.

Tabela 2. Características acadêmicas dos enfermeiros dos Centros de Atenção Psicossocial de Fortaleza, Ceará. Fortaleza-CE, ago-nov, 2016.

Variáveis	N (%)
<b>Tipo de instituição em que concluiu a graduação (N=33)</b>	
Pública	11 (33,3)
Privada	22 (66,6)
<b>Grau de instrução (N=33)</b>	
Graduação	7 (21,2)
Especialização (em geral)	24 (72,7)
Residência	1 (3)
Mestrado	1 (3)
<b>Tempo de formação (N=33)</b>	
0 a 2 anos de formado	7 (21,2)
3 a 5 anos de formado	17 (51,5)
6 a 8 anos de formado	4 (12,1)
9 a 10 anos de formado	4 (12,1)
Mais de 10 anos de formado	1 (3)



**Total**

**33 (100)**

No que diz respeito ao tempo de formação, 17 enfermeiros possuíam de 3 a 5 anos de formados (51,5%), sete tinham de 0 a 2 anos de formados (21,2%), quatro de 6 a 8 anos de formados (12,1%), quatro tinham entre 09 e 10 anos de formação (12,1%) e apenas um enfermeiro tinha mais de 10 anos de formação (3%), tendo esse completado 14 anos da conclusão do curso em 2016, mostrando assim uma grande diversidade no tempo de formado dos enfermeiros de saúde mental.

É possível observar que 25 (75,7%) dos enfermeiros tinham entre 0 e 2 anos de exercício, outros seis tinham entre 3 e 5 anos (18,2%) e dois enfermeiros tinha mais de dez anos de atuação na saúde mental (6%), um com 13 anos e outro com 17 anos nessa área. Ao cruzar os dados das tabelas 2 e 3, podemos constatar que, apesar de ser distribuído o tempo de formado dos enfermeiros, cerca de 76% tem menos de dois anos de trabalho na saúde mental, o que sugere que não possuem larga experiência profissional em lidar com essa área de atuação da Enfermagem (Tabela 3).

Tabela 3. Características profissionais dos enfermeiros dos Centros de Atenção Psicossocial de Fortaleza, Ceará. Fortaleza-CE, ago-nov, 2016.

<b>Variáveis</b>	<b>N (%)</b>
<b>Tempo de atuação na Saúde Mental (N=28)</b>	
0 a 2 anos de atuação	25 (75,7)
3 a 5 anos de atuação	6 (18,2)
Mais de 10 anos de atuação	2 (6)
<b>Quantidade de vínculos de trabalho (N=28)</b>	
Um vínculo empregatício	21 (63,6)
Dois vínculos empregatícios	10 (30,3)
Três vínculos empregatícios	2 (6)
<b>Quantidade de vínculos de trabalho relacionados à Saúde Mental (N=28)</b>	
Um vínculo relacionado	29 (87,9)
Dois vínculos relacionados	4 (12,1)

### **Carga horária semanal de trabalho (N=28)**

Até 40 horas semanais	26 (78,8)
Entre 41 e 50 horas semanais	4 (12,1)
Entre 51 e 60 horas semanais	1 (3)
Mais que 60 horas semanais	2 (6)

### **Turno de trabalho (N=28)**

Diurno	24 (72,7)
Noturno	1 (3)
Diurno e Noturno	8 (24,2)

### **Tipo de vínculo empregatício (N=28)**

Carteira assinada (CLT)	2 (6)
Funcionário público	8 (24,2)
Terceirizado	3 (9,1)
Seleção pública	20 (60,6)

---

<b>Total</b>	<b>33 (100)</b>
--------------	-----------------

---

Na área profissional 63,6% (n=21) dos entrevistados possuíam apenas um vínculo empregatício, 30,3% (n=10) possuíam dois vínculos e outros 6% (n=2) dos enfermeiros tinham três vínculos. Dentro desse grupo, 87,9% (n=29) tinha apenas um vínculo relacionado à saúde mental e 12,1% (n=4) possuíam dois trabalhos na saúde mental.

A carga horária que predominou em nosso estudo foi de até 40 horas semanais, com 78,8% (n=26) dos enfermeiros, outros 12,1% (n=4) trabalhavam de 41 a 50 horas semanais, 3% (n=1) trabalhava de 51 a 60 horas semanais e (6%) (n=2) trabalhava acima de 60 horas semanais. O turno de trabalho prevalente em nosso estudo foi o diurno, com 72,7% (n=24) dos entrevistados trabalhando nesse período, seguidos de 24,2% (n=8) trabalhando em períodos diurnos e noturnos e apenas um enfermeiro (3%) trabalhando somente no período noturno (este trabalhava em regime de plantões em um CAPS AD 24 horas).

Nesse sentido percebe-se que a maior parte dos enfermeiros de saúde mental atua em apenas um emprego e até 40 horas semanais. O que preocupa é a minoria que se submete a cargas horárias superiores a 40 horas e a diversos vínculos empregatícios. Esses pontos recebem destaque por essa sobrecarga trazer

complicações na qualidade de vida do profissional. Estudo recente revela que a necessidade de possuir outro vínculo surge devido à baixa remuneração ou ao fato de não ser oferecido plano de carreira e outros benefícios que são ofertados pelo setor público, o que motiva outro emprego para completar a renda familiar (ALVES *et al.*, 2016).

Um ponto controverso foi o tipo de vínculo trabalhista dos enfermeiros, visto que, quando preencheram os questionários, 60,6% (n=20) marcaram a opção “outros” indicando vínculo por seleção pública, 24,2% (n=8) marcaram a opção “funcionários públicos”, 9,1% (n=3) indicaram “terceirizados” como vínculo e 6% (n=2) assinalaram “carteira assinada”.

Esse aspecto revela algo muito importante sobre a saúde mental do município de Fortaleza, que é a falta de vínculo empregatício estável. Inúmeros profissionais relataram preocupação por estar próximo ao fim do contrato de emprego, que tinha validade de dois anos. Na perspectiva da Saúde Mental, faz-se importante o vínculo cliente-profissional, visto que, havendo alta volatilidade, a construção e manutenção de relacionamento terapêutico, bem como de grupos terapêuticos é prejudicada, afetando negativamente a adaptação do cliente às atividades desenvolvidas pelo Enfermeiro.

## CONCLUSÃO

É considerado preocupante o quadro encontrado acerca da formação desses enfermeiros. Embora a maioria dos entrevistados já possuísse ao menos uma especialização, essa não era com foco na saúde mental, o que pode refletir em dificuldades enfrentadas por parte desses profissionais em sua prática enquanto enfermeiros.

O estudo permitiu identificar que, para os enfermeiros de saúde mental, apenas os conhecimentos adquiridos na graduação não são suficientes para uma atuação profissional adequada, bem como demonstrou que estes têm interesse em continuar seus estudos na área, o que reforça a importância da criação de especializações e outras pós-graduações no âmbito da saúde mental.

É importante que esta pesquisa seja realizada com enfermeiros de saúde mental no âmbito hospitalar, para que dessa forma seja possível comparar os perfis de ambos e traçar um perfil coletivo a todos os profissionais. Essa comparação também é interessante para ver quais

pontos diferem das perspectivas e escolhas dos profissionais.

## REFERÊNCIAS

ALVES, S. R. et al. Sobrecarga de trabalho da Enfermagem em saúde mental. **Rev. RENE.**, v. 17, n. 5, p. 684-690, 2016.

BRASIL. Portal Brasil. **Governo destina R\$ 36,4 mi para ações na área de saúde mental em 20 Estados.** 2015. Disponível em < <http://www.brasil.gov.br/saude/2015/10/governo-destina-r-36-4-mi-para-a-saude-mental-em-20-estados>>. Acesso em: 7 de jun de 2016.

CABRAL, S. A. A. O. et al. A política Antimanicomial e a reforma psiquiátrica no contexto da saúde pública: uma revisão de literatura. **Intesa**, Paraíba, v. 9, n. 1, p. 85-90, 2015.

CAMELO, S. H. H. et al. Perfil profissional de enfermeiros atuantes em unidades de terapia intensiva de um hospital de ensino. **Cienc. enferm.**, Chile, v. XIX, n. 3, p. 51-62, 2013.

ESPERIDIÃO, E.; CRUZ, M. F. R.; SILVA, G. A. Perfil e atuação dos enfermeiros da rede especializada em saúde mental de Goiânia-Goiás. **Rev. Eletr. Enf.**, Goiás, v. 13, n. 3, p. 493-501, 2011.

FARIA, M. G. A.; DAVID, H. M. S. L.; ACIOLI, S. O. O perfil de enfermeiros fluminenses da ESF segundo um programa de educação permanente à distância. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. especial 1, p. 591-595, 2012.

MACEDO, J. Q. *et al.* Práticas em serviço de saúde mental: interface com a satisfação profissional. **Texto contexto – enferm.**, Florianópolis, v. 22, n. 4, p. 999-1006, 2013.

SILVA, J. C. B.; FILHO, P. O. Produções discursivas sobre o trabalho em equipe no contexto da reforma psiquiátrica: um estudo com trabalhadores de Centros de Atenção Psicossocial. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 30, n. 4, p. 609-617, 2013.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global health workforce, finances remain low for mental health.** 2015. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/news/notes/2015/finances-mental-health/en/>. Acesso em: 1 de abr. de 2016.